

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Do reconhecimento aos desafios para convivência intercultural.

Leila Maria da Silva Blass.

Cita:

Leila Maria da Silva Blass (2009). *Do reconhecimento aos desafios para convivência intercultural. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/2298>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Do reconhecimento aos desafios para convivência intercultural

Leila Maria da Silva Blass

Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, Brasil

leilamsb@pucsp.br

Resumo:- As imagens que surgem hoje da cidade de São Paulo (Brasil), conhecida como “cidade do trabalho”, resultado da saga dos imigrantes europeus brancos, berço do capitalismo brasileiro, são ruas repletas de carros com trânsito intenso e pessoas caminhando apressadas.

A formação multicultural e multiracial do “povo brasileiro” se expressa no patrimônio imaterial dessa cidade constituído por tradições culturais herdadas dos povos indígenas e da experiência histórica da escravidão africana, encontrando-se submerso nas transformações do seu traçado urbano, desde a vila de Piratininga até a metrópole contemporânea. As atividades que compuseram a 4ª edição da Virada Cultural, evento ocorrido na cidade de São Paulo, em abril de 2008, chamam a atenção para esse fato. A sua programação ininterrupta e simultânea, durante 24 horas, contempla várias atividades artístico-culturais que fazem emergir a memória negra através da distribuição dos palcos temáticos. No entanto, prefiguram fronteiras simbólicas que definem o lugar de cada um.

Pretendo, nesta comunicação, suscitar uma reflexão em torno das formas contemporâneas de sociabilidade, dentre elas, o convívio com as diferenças, apesar do reconhecimento jurídico expresso nas políticas de ação afirmativa. As questões interculturais constituem, assim, um dos principais desafios a ser enfrentado pelos cientistas sociais, principalmente, latinoamericanos.

Introdução

A formação multicultural e multiracial do “povo brasileiro” que se expressa no patrimônio imaterial da cidade de São Paulo constituído por tradições culturais herdadas dos povos indígenas e da experiência histórica da diáspora africana, além dos imigrantes europeus ocidentais e orientais, se revela na distribuição das atividades artístico-culturais, na 4ª edição da Virada Cultural, evento ocorrido nessa cidade, em abril de 2008, com programação ininterrupta e simultânea, na região central da cidade por 24 horas. A ausência das manifestações culturais dos herdeiros indígenas se completa com as formas de expressão artísticas contemporâneas com referência à presença urbana da população negra como se pode observar na distribuição dos palcos temáticos. Neste ponto, estão delineadas as fronteiras simbólicas que separam e predefinem o lugar de cada um.

Um folheto com a programação e a localização dos seus vinte seis (26) palcos temáticos espalhados pelas principais ruas e praças da região central da cidade de São Paulo foi distribuído logo no início desse evento efêmero e ocasional voltado às atividades de entretenimento ou de lazer. Esse folheto constitui a fonte de dados deste texto que pretende mostrar o modo de se viver essa cidade.

As festas, desde o período colonial, desempenham um papel importante na construção da sociabilidade no Brasil, como lembra Amaral¹. Elas foram um instrumento importante de “integração entre portugueses e índios (os jesuítas usaram, muitas vezes, o interesse dos índios pelas festas religiosas para atraí-los e estabelecer contatos com objetivos de catequese)”, bem como entre negros e outros grupos. Mais recentemente, os festejos populares ganham as agendas turísticas, gerando, conforme essa autora, “um crescente mercado de empregos, produtos e serviços que lhe são correlatos, o que propicia seu mais rápido crescimento e a difusão de modelos de festas por todo o país, como é o caso das Fests (inspiradas no modelo da Oktoberfest - festa do chope), das Festas de Peão e das Festas de colheitas (da maçã, do morango, do milho, do caju etc), inspiradas na Festa da Uva”.²

A proposta da Virada Cultural responde, de um lado, às diretrizes a partir das quais se busca implementar políticas de ativação social, no Brasil, baseada no incentivo aos negócios e na geração de empregos, seja de artistas, técnicos de som, iluminação, cenografia etc, seja dos vendedores ambulantes espalhados pelo centro dessa cidade e do comércio em geral. Não se pode esquecer ainda dos negócios relativos à produção fonográfica, ao marketing, às atividades jornalísticas, da mídia eletrônica etc. De outro, se insere no cenário político-partidário local, quando acontece às

¹. Amaral, R., “Sentidos da Festa à Brasileira” (www.n-a-u.org/artigos.html)

². Ver: Amaral, R., “Sentidos da Festa”

vésperas das eleições municipais. Nesse sentido, o noticiário local nos meios de comunicação social é implacável e relaciona, de imediato, essas dimensões e aspectos.

A , condensados no espaço urbano desse empreendimento, dá à dinâmica da própria cidade na qual se realizam as festas passam, em geral, desapercibidas por uma grande parte dos turistas e visitantes. Na quarta edição da Virada Cultural de 2008, não seria diferente e nada é negligenciado na sua programação que deixa evidente fazeres, dizeres e formas predominantes de sociabilidade na vida cotidiana paulistana. A diversidade cultural presente nesse cotidiano, as diferentes visões de mundo dos seus moradores e o sistema de relações sociais (e de poder) em que estão inseridas direciona a programação oficial desse evento que traz as marcas da heterogeneidade artística, quando “nenhum gênero musical foi limado (...) nem mesmo o rap...”³

O vadiar sociológico⁴ por seus circuitos chama a atenção para essas múltiplas faces e aponta alguns paradoxos e contradições que perpassam as relações sociais contemporâneas. Ou seja, a implementação das políticas de ação afirmativa não reduz o desafio da convivência entre diferentes. Dessa ótica, se pode afirmar que seus No entanto, palcos não são vazios, mas carregados de agora, indicando o processo de segregação e segmentação urbana e social dos moradores na cidade de São Paulo onde cada um tem o seu lugar do O deslocamento do palco destinado às apresentações dos representantes do movimento hip hop e da música rap para as cercanias do centro “novo” da cidade, isto é, no Parque D Pedro, ilustra esse fato, embora as justificativas oficiais sejam os atos de violência observados em 2007. Segundo seus organizadores, os objetivos mudaram e, por isso, o espetáculo “tem mais cara de celebração {sendo chamado por} hip hop das antigas”.⁵

Não só o palco é transferido de local, mas quem se apresenta pertence às gerações anteriores de rappers paulistanos. O **Diário de São Paulo** no seu caderno especial comenta que “o show dos Racionais MC’s, na Praça da Sé, terminou em briga. Neste ano, o grupo e a praça estão fora da programação”.⁶

³. Ver: “24 horas para curtir mais de 800 apresentações na capital”, **O Estado de São Paulo**, 25 de abril de 2008: p. C 12.

⁴. Conforme a expressão inventada por Pais (2003).

⁵. Idem, *ibidem*.

⁶. Cf. **Diário de São Paulo** de 25 de abril de 2008, “Vamos Ver”, p.1.



Na figura de mapa acima apresentada e que foi publicada no “Guia da Virada” divulgado pelo jornal **O Estado de São Paulo** em 25 de abril, um dia antes do início das atividades da Virada Cultural, estão localizados os palcos temáticos, quase todos, situados no território compreendido, de um lado, entre a Praça Ramos de Azevedo até o Parque D. Pedro e, de outro, do Viaduto Santa Efigênia até a Rua da Consolação, exceto o palco do movimento hip hop, localizado no Parque D. Pedro em uma região distante e isolada das demais. Constitui um local bastante deteriorado, do ponto urbano, tendo sofrido muitas inundações e alagamentos na época das chuvas torrenciais. Atualmente, está completamente entrecortado por vias expressas que interligam as regiões leste e sul da cidade. Nessas regiões residem os principais representantes paulistanos do movimento hip hop e se encontram os seus redutos mais expressivos.

A construção imagética de uma realidade, nesse caso a segregação urbana, informa, portanto, não só a distribuição das atividades artísticas, mas principalmente quem os ocupará para quem assistir. Os rappers, embora reconhecidos na sua diferença, são vistos, de um modo geral, como rebeldes e incentivadores da criminalidade e da violência entre os jovens moradores na periferia urbana de São Paulo. A música rap e a idéia de periferia coincidem nas imagens socialmente construídas que motivam a sua alocação nos contornos do centro da cidade e às margens do rio Tamanduateí.

Os circuitos da cultura na Virada Cultural se situam, portanto, nas encruzilhadas entre rotina e ruptura do cotidiano. As festas são contínuas a vida cotidiana, embora os discursos instituídos sobre a programação desse evento ocultem esse fato. Se tal ocorre, torna-se importante, como sugere Pais (2001), “desrealizar o que pensamos que naturalmente nos é dado, convidando o ‘natural’ a ceder lugar ao enigmático, ao artificioso”, pois, “se os enigmas deformam a realidade, também a informam”. (idem: 58)

A distribuição e a descentralização dos palcos constituem o caráter enigmático da Virada Cultural de 2008 em São Paulo. Os enigmas, enquanto representações mitificadas, se manifestam em detalhes aparentemente sem significação ou nos fragmentos instantâneos e transitórios. Assim, eles revelam, de modo sutil, o não-dito, o invisível em que se pauta o sistema de relações sociais e as formas de dominação, ou seja, o real vivido. Os enigmas, escreve Pais (2003), “convidam-nos a entrar num jogo de estereótipos” a fim de descobrir suas significações” (idem: 58) e decifrar códigos a partir de interrogações sobre o que se passa quando nada parece se passar. Contudo, acrescenta esse autor, “as decifrações são impensáveis sem referência a totalidades, a serem descobertas ou recompostas” (idem: 68) a partir da interpretação promovida pelos cientistas sociais.

Os palcos são espaços sociais onde se expressam distintos estilos de vida, gostos e práticas cuja eficácia simbólica está alicerçada na realidade, ou como sugere Bourdieu (2004), “nas afinidades objetivas entre as pessoas que se quer reunir” (idem: 166). Portanto, cada palco temático e a distribuição espacial das atividades artísticas revelam o contexto social cotidiano paulistano no qual os seus moradores vivenciam profundas desigualdades sociais e enfrentam discriminações, estigmas e conflitos latentes. Os palcos condensariam, assim, poder simbólico, ao “consagrar ou de revelar coisas que já existem”, como escreve Bourdieu (2004) e que são percebidas por quem “fazem parte dele e para os outros, quando é distinguido, segundo um princípio qualquer, dos outros grupos, isto é, através do conhecimento e do reconhecimento”. (idem: 167)

Os locais onde acontece a Virada Cultural delimitam fronteiras simbólicas conforme os pressupostos da dinâmica urbana de São Paulo e das suas formas segmentadas de sociabilidade e apontam as contradições do processo de desenvolvimento capitalista pontuado por desigualdades de oportunidades, de acesso e pela injustiça social. Portanto, desenvolvimento coexiste com as mais variadas formas de pobreza que traçam muralhas imaginárias a partir das quais os moradores da cidade de São Paulo são separados, prefigurando “guetos” entre seus habitantes. Diz uma das letras dos Racionais Mc’s que se pode sair “do gueto, mas o gueto nunca sai de você” (Negro Drama, 2002 / CD “Nada como um dia após o outro”).

Os participantes das agremiações carnavalescas da cidade de São Paulo e/ ou das rodas de samba também foram contemplados com um palco temático denominado “Boteco de Bambas”

localizado próximo ao viaduto Santa Efigênia e ao Vale do Anhangabaú onde alguns deles brincaram o Carnaval e/ ou defenderam as cores da suas escolas de samba e dos seus blocos nos festejos carnavalescos. Sem dúvida, um lugar simbólico para os sambistas que já foi, inclusive, cantado em versos por Adoniran Barbosa em uma canção que diz: “Venha ver Eugênia/ Como ficou bonito/ o Viaduto Santa Efigênia”.⁷ No entanto, a sua localização também se encontra distante das principais atrações artísticas da Virada Cultural, como se pode observar na figura de mapa acima apresentado.

Ao serem isolados e afastados do conjunto das atividades artísticas, tanto rappers quanto sambistas ficam mais expostos às formas de controle social e policial, inclusive, no que se refere aos gestos e movimentos dos seus ouvintes. As formas panópticas de controle social vigente no dia-a-dia da cidade de São Paulo também se fazem presentes, embora de modo silencioso e quase imperceptível, nas chamadas práticas sociais de entretenimento.

A música rap ao mesmo tempo em que é reconhecida como expressão da resistência dos jovens moradores nos bairros distantes do centro da cidade de São Paulo, torna-se conhecida como um campo fértil para sua manifestação política e protesto contra discriminações e estigmas que eles enfrentam na vida cotidiana. Nessa medida, devem ser mais vigiados.

A cartografia dos palcos desenha o modo de viver a cidade de São Paulo, a centralização e concentração de poder na tomada de decisões acerca da distribuição das atividades artístico-culturais na Virada Cultural. Deixa claro, nesse sentido, quem define as regras do jogo; quais os objetivos das ações individuais e da intervenção na cidade; quem participa desse evento e sob quais condições. Mais uma vez, as atividades artísticas ganham destaque nas políticas governamentais, visando a construção de consensos (sem violência como acentuam alguns artigos na imprensa⁸ nos dias posteriores à realização desse evento). As conexões entre arte e política se tornam, desse modo, evidentes.

O trânsito da cultura na cidade de São Paulo

Os organizadores da programação na Virada Cultural, ao gerir, diferenciando, classificam “tribalizando” e hierarquizando os seus participantes e protagonistas. O modo coletivo de gestão se confronta, dessa maneira, com as individualizações de apropriação da cidade, mostrando, conforme

⁷. Cf. “Bambas sambam ao redor da mesa. Batuque durará 24 horas no Viaduto Santa Efigênia”, **Dário de S. Paulo**, 25 de abril de 2008, “Vamos Ver”: 03

⁸. Ver, por exemplo, o artigo “Concentrada no centro de SP e sem violência, VIRADA CULTURAL tem público recorde”, **Folha de São Paulo**, 28 de abril de 2008: E 1.

acentua de Certeau (1994), “as práticas do espaço tecem, com efeito, as condições determinantes da vida social” (idem: 175).

Longe de quaisquer objetivos comparativos, a localização urbana da Cidade do Samba no Rio de Janeiro na região portuária da Gamboa remete às raízes de personagens e entidades ligadas ao Carnaval carioca e ao desembarque e comércio de negros. Desse modo, são recuperadas tradições culturais e a presença urbana dos negros na cidade do Rio de Janeiro, como já mencionei em outro texto (2008). Ao contrário do que se observa nos circuitos da Virada Cultural de 2008 na cidade de São Paulo. Nesse caso, as “muralhas” socioeconômicas e simbólicas presentes no cotidiano paulistano são reafirmadas, separando e segregando quem está dentro e quem está fora.

Desvenda, assim, uma das características essenciais da biopolítica moderna que, conforme Agamben (2007), implica a “necessidade de redefinir continuamente, na vida, o limiar que articula e separa aquilo que está dentro e daquilo que está fora”. (Idem: 137-8) Portanto, o que parecia “natural”, apresenta-se “como *tarefa política*” (idem: 155; grifos do autor), ou mesmo expressão da tecnologia de biopoder, entendida enquanto o poder de ‘fazer viver’. Ou seja, uma forma de poder contínuo que intervém, conforme Foucault (2005), “sobre o homem enquanto ser vivo”. (idem: 294); “na maneira de viver” e, acrescenta esse autor, “no ‘como’ da vida”. (idem: 295)

Na disposição espacial dos palcos temáticos, transparece, inclusive, as interfaces dos mecanismos disciplinadores com regulamentações de poder. As cidades operárias são pensadas e concebidas no século XIX, escreve Foucault (2005), a partir de “mecanismos disciplinares de controle sobre o corpo, sobre os corpos, por sua quadrícula, pelo recorte mesmo da cidade, pela localização das famílias (cada uma na sua casa) e dos indivíduos (cada um num cômodo)...” (idem: 299) Além desses mecanismos, se configuram outros, ou seja, “mecanismos regulamentadores, que incidem sobre a população enquanto tal...” (idem: 300) e induzem comportamentos de poupança em todas esferas da vida, assinala esse autor.

A tecnologia de poder cujo objeto e objetivo seria, para Foucault (2005), a vida (idem: 303), produz e reproduz também estigmas que nomeiam certos pedaços de uma cidade e seus moradores, podendo se tornar critérios seletivos no recrutamento da força de trabalho ou para intensificar as ações policiais. Os habitantes da cidade confinados nesses espaços, podem romper, episodicamente, essas fronteiras simbólicas, mas mesmo assim são vistos individual e coletivamente como outros. As suas vestes, gestos e palavras os denunciam de onde vieram.

Quando se insere essa questão no contexto histórico de formação do povo brasileiro importa considerar ainda, como insiste Gambini (1999), os contatos interculturais e multiraciais de que nos constituem. Os fragmentos instantâneos como, por exemplo, a distribuição dos palcos na programação da Virada Cultural de 2008 seriam indícios desse processo. No entanto, “duas

civilizações se encontram, se juntam, mas uma nega a outra...”, acentua esse autor, sendo os índios “o objeto da primeira negação. Mas logo em seguida vem a segunda, que é a negação do negro, com a diferença de que ele (...) acabou sendo o construtor da economia brasileira” (idem: 63 e 64).

Diante dessa constatação, surge a pergunta: como forjar uma identidade-nós na identidade-eu, usando as expressões de Elias (1994), se dois grupos são negados nos seus valores, crenças e visões de mundo?

Por isso, ressalta Gambini (1999), “se fizermos a imagem de um todo feito de partes, podemos dizer que a sociedade brasileira está amarrada, mas não (...) houve amálgama, não houve síntese”. (idem: 68) Assim a mistura de que somos constituídos é reconhecida, porém permanece a separação e divisão delimitadas “por muros altíssimos, onde um tem medo do outro. Medo da diferença que o outro lhe traz”. (idem: 72)

As sonoridades dos povos indígenas e dos herdeiros da diáspora africana incitam os ouvidos dos cientistas sociais, mas a memória negra e indígena na cidade de São Paulo ainda parece invisível aos olhos sociológicos. Apesar do reconhecimento recente, escreve Fortuna (1999), “da importância do olhar e da cultura visual da conformação e nos modos de representação da sociedade...” (idem: 104), compondo múltiplas imagens e insinuações preciosas sobre o processo de formação das pertencas sociais, os documentos escritos ainda constituem a fonte de dados privilegiada nas investigações nas ciências sociais. Para se enfrentar os desafios contemporâneos da convivência intercultural, inclusive, o modo de se coletar dados e obter informações está em questão.

Considerações finais

O caráter episódico e efêmero da Virada Cultural de 2008 na cidade de São Paulo suscita uma reflexão sobre um dos desafios do tempo presente marcado pelos processos sociais da globalização, isto é, a convivência com as diferenças. Esse evento desvenda quem são seus protagonistas e as ambigüidades dos discursos dominantes em torno dessas temáticas.

Diante de consumidores passivos, os seus coordenadores tentam ainda implementar formas interativas de comunicação a fim de promover a sua continuidade. Para tanto, fazem um apelo, através da imprensa escrita e falada, para que paulistanos e turistas relatem suas experiências, enviem fotos e mandem “sugestões de mudanças para as próximas edições e também comentários sobre palcos e atrações preferidos”.⁹

Desse modo, se arquiteta a construção de um poder que busca combinar consenso e coerção como se observa nos circuitos da cultura promovidos nessa oportunidade.

⁹. Ver: www.prefeitura.sp.br/cidade/secretarias/cultura/noticias

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. (2007), *Homo sacer. O poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte, editora UFMG.
- AMARAL, Rita de Cássia. (1998) *Festa à Brasileira. - Significados do festejar no país que "não é sério"*. Tese de Doutorado, São Paulo, USP.
- BALANDIER, G. (1997), *O contorno: poder e modernidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil editora.
- BLASS, L. (2004), *A formação multicultural do trabalhador assalariado brasileiro: o invisível pertinente* in Chaia, M. e Silva, A. (orgs), *Sociedade, cultura e política: ensaios críticos*. São Paulo, Educ.
- BLASS, L. (2004a), "Desfile de carnaval e tribos urbanas: a diversidade no efêmero", in L. Blass e J. Machado Pais (orgs.), *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo, Annablume.
- BLASS, L. (2006), *Ato de trabalhar: imagens e representações*. São Paulo, AnnaBlume,
- BLASS, L. (2007), *Desfile na avenida, trabalho na escola de samba: a dupla face do Carnaval*. São Paulo, AnnaBlume.
- BLASS, L. (2008), "Rompendo fronteiras: a Cidade do Samba no Rio de Janeiro", **Revista Brasileira de Ciências Sociais** vol. 23 nº 66. S. Paulo, fevereiro.:79-92.
- BOURDIEU, P. (2004), *Espaço social e poder simbólico* in *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense.
- De CERTEAU, M. (1994), *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes.
- ELIAS, N. (1994), *A sociedade os indivíduos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed
- FORTUNA, C. (1999), *Identidades, percursos, paisagens culturais: estudos sociológicos de cultura urbana*. Oeiras, Celta.
- FOUCAULT, M. (2005), *Em defesa da sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo, Martins Fontes
- GAMBINI, R. e DIAS, L. (1999), *OUTROS 500. Uma conversa sobre a alma*. S. Paulo, Editora Senac
- PAIS, J. M. (2003), *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo, Cortez.